

c 28

①

Exmo. Sr. Diretor do Instituto de Educação  
Colegas meus.

Senhores alunos.

Quisestes prestar esta homenagem excepcional ao companheiro que vos deixa, depois de haver tantos anos labutado convosco na mais santa e, por vezes árdua, das missões -a de ensinar.

O conhecimento prévio da solenidade que me preparastes, trouxe-me o espírito em grande desassossêgo. O meu primeiro ímpeto foi agradecer os vossos nobres propósitos, mas suplicar, ao mesmo tempo, que os não levásseis por diante, uma vez que não descobria em mim méritos que os justificassem.

Um argumento, entretanto, desde logo se me impôs, contra o qual não valeram razões, invocadas pela minha natural timidez. E é que, se me escasseiam méritos, como sou o primeiro a reconhecer, a vossa homenagem, por isso mesmo, tem um sentido mais eloquente, porque põe em relêvo a magnitude dos vossos corações.

O galardão, com que Deus premeia as criaturas boas, é fazer que encontrem, em tôda parte, no meio em que vivem e nas pessoas que as cercam, em tudo enfim, como numa inversão de imagens, refletidos, os característicos da bondade própria.

É a bondade uma virtude de inapreciável valor. Tôdas as outras são falhas, se não temperadas em seu cadinhô. Com efeito, figuramos um mundo de onde a bondade tenha sido banida. Que se nos depara aí? Pobres órfãos, na manhã da vida, ou velhinhos, no ocaso da existência, vagando sem teto, porque o govêrno, utilitarista, não cuida das obras de assistência; míseros seres humanos, roídos pelas enfermidades,

em decomposição pelas ruas, porque o médico, egoísta, não pensa na desgraça alheia; infelizes, apodrecendo nos cárceres, porque o advogado, indiferente, só trabalha para os que podem pagar; <sup>proletários</sup> plebeus maltrapilhos, denunciando no semblante os jejuns forçados, porque o patrão, preocupado com armazenar, mal lhes concede o necessário para não morrerem de fome; todo êsse espetáculo dantesco se desdobra aos nossos olhos, quando, por um momento, a bondade abandona os corações, tôda a poesia desaparece da terra, como por encanto, e a vida, à sua fuga, se nos antolha ~~como~~ o mais tremendo dos pesadelos.

Retorna a bondade ao mundo e a vida renasce, cheia de esplendor; há uma como ressurreição na natureza; ela faz que o ocaso de um dia triste seja a aurora de um dia melhor, porque a esperança, consciente de que a bondade existe, nos consola das misérias presentes, <sup>com melhores dias.</sup> ~~acendendo-nos que o nosso dia de felicidade também há de chegar.~~

Mas para que falar na bondade, se ela aqui reina, se ela <sup>aqui</sup> está ao meu lado, em vossos corações, colegas e discípulos que me ouvís, sobredoirando de alegrias rútilas êste momento agradável que estamos vivendo?

Creio não me enganar, senhores, ao reconhecer que estas <sup>o velho companheiro</sup> ~~menagens~~ visam a estimular-me a presseguir na estrada, cheia de escarpas e lances desencorajadores, que é o magistério. Pois, podeis ficar tranquilos, que <sup>jamaiz amorecerei. Se as dificuldades forem muitas</sup> ~~se os pés trêpegos se recusarem algum dia a continuar~~ <sup>que as mãos possa vencer por mim próprio, voltarei os olhos</sup> ~~a marcha; se as pernas exaustas vergarem; se as mãos, sangrando nas urzes do caminho, perderem a força de apreensão; numa palavra, se tôdas as~~ <sup>as mãos</sup> ~~fôrças me abandonarem, é para êste instante que terei os olhos voltados,~~ <sup>to</sup> ~~é para vós que dirigirei o meu pensamento, na certeza de que no-~~

vas energias despertarão em mim, para <sup>meacer</sup> ~~reencetar~~ <sup>todos</sup> ~~a~~ <sup>os</sup> ~~jornada~~ <sup>obitriculos.</sup> interrompi-  
da. ~~para se me a esquecerem.~~

Não é muito que lute quem sempre concebeu a vida sob o aspecto de um combate incessante. Comecei o prélio amargo da existência quando ainda se me povoava a imaginação dos sonhos róseos da infância e, de então para cá, nunca mais descansei.

Uma paralisia rebelde prendeu ao leito, durante muitos anos, aquele que era o sustentáculo de uma prole de cinco rebentos, entre os quais, o mais velho, êste que agora vos fala, contava apenas pouco mais de oito anos.

O que foi esta quadra para mim, em que, <sup>verdedos e mbr. Paula de pat,</sup> ~~padeirinho~~ errante, vagava pelas ruas poentas de um arraial do interior fluminense, à chuva ~~mais~~ inclemente ou à soalheira mais impiedosa, seria para vós narrativa pouco interessante e inconvinhável com o esplendor da presente hora.

As rajadas da adversidade passaram, umas após outras, sobre o nosso modesto lar e não conseguiram nunca abalar a rocha granítica, que eram as convicções religiosas de minha pobre mãe. Nunca lhe ouvi uma queixa nos lábios, nunca presenciei uma revolta nas suas atitudes contra os ditames da Providência.

Se dificuldades surgiam, e estas eram cotidianas, lá ia ela encerrar-se no seu quarto e ficava ~~prostrada~~, horas inteiras, prostrada diante da imagem da Virgem, rezando, como só sabem rezar aqueles a quem a desgraça não se cansa de torturar.

Nunca a alvorada a surpreendeu, na cama; nunca as primeiras trevas da noite a encontraram, repousando; os dias da semana, um por um, desfiava-os na sua máquina de costura, cosendo para fora, afim de que

não nos faltasse o pão.

Fui o seu companheiro fiel, o seu braço direito, nessas horas de aflição, em que o espectro da miséria rondava sinistramente à nossa porta. Cada dia que raiava, era um drama novo que vivíamos, de trabalhos, de fadigas, de canseiras. Mas o ânimo se nos não abatia e na hora que passava, encontrávamos a energia necessária para enfrentar a hora seguinte.

A doença de meu pai não <sup>foi</sup> ~~era~~ provação bastante e Deus, nos seus altos desígnios, achou que devia exigir mais de nossa fraqueza.

Uma noite, criança de nove anos, acordo quasi sufocado, entre rolos de fumaça, com a visão inteiramente empanada, sem saber, de momento onde me achava e sem poder medir a extensão da catástrofe que sôbre o nosso teto desabara.

Ào lado do meu leito, o meu velho progenitor, tolhido em seus movimentos pela doença pertinaz, gritava pelo meu nome, com a voz surda do desespero, para que me levantasse e fugisse ao incêndio, cujas <sup>chamas nos</sup> ~~chamas~~ ameaçavam. ~~Já o leito.~~ Mas como fugir, deixando perecer nas chamas aquele que ~~me dava o ser e que~~, <sup>era o enfermo dos meus dias</sup> apesar de doente, ~~era~~ o meu melhor amigo, no mundo?

Tento arrancá-lo da morte, mas em vão. Meus braços débeis não lhe suportam o peso, e então, compreendendo que não podia lutar contra o impossível, decido-me a morrer com êle. Já as traçoceiras <sup>fa palha,</sup> ~~chamas~~ chamuscavam-lhe o leito e, mais um minuto, a grande tragédia estaria consumada!

A êste tempo, tôda a população do arraialete se aprestava para os primeiros socorros. Fomos salvos. Não vos posso descrever

a angústia dos primeiros momentos. Onde estariam meus irmãos? Vivos? Ou teriam sucumbido? Minutos intermináveis foram êsses, de dolorosa expectativa. Todos felizmente se haviam salvo, apenas minha mãe apresentava queimaduras generalizadas, sem grandes consequências.

O incêndio devorara tudo, só nos deixando a roupa do corpo, assim mesmo encarvoada e em tassalhos. Podíamos dizer, como um grande imperador, que tudo se perdera, exceto a honra.

A vida apresenta-nos às vezes a face de uma borrasca. A natureza convulsiona-se; o mar agita-se, brama, mostrando a morte próxima ao navegante; o vento arranca as árvores, destelha as casas, ameaça despovoar a terra; os raios incendeiam o espaço, provocam incêndios, ofuscam a vista; os trovões rolam sinistramente pelo ar, atroando-nos os ouvidos; a chuva inunda os campos e as ruas; calmos filetes d'água tornam-se rios impetuosos que arrasam tudo à sua passagem; tem-se a impressão de que nada ficou de pé; e, entretanto, passado o ímpeto dos elementos, o sol se abre novamente em sorrisos, o céu em promessas, a terra em flores.

São os contrastes que tornam as horas de felicidade, mais doces e aprazíveis; não se pode devidamente apreciar uma hora de prazer, senão depois de uma longa hora de sofrimento.

O cálice das nossas provações transbordara. Sem teto, sem pão, sem roupa, não era possível maior agrura e tormento.

A bondade de alguns amigos -ei-la a bondade, de novo, em foco, poetizando as amarguras da vida -fez menos dura a nossa desgraça. É triste condição, todavia, bem triste mesmo, viver-se a expensas de outrem, embora seja êste outrem um nosso amigo ou parente. O pão, recebido de esmola, ainda que essa esmola parta de um coração aberto à ca-

ridade cristã, tem um sabor diferente daquele que conseguimos com o esforço dos nossos braços.

Nêsse interim, meu pai começa a melhorar, após cinco anos de duros padecimentos, em que a própria lucidez do espírito lhe ~~fôra~~ <sup>ar</sup> arrebatada pela terrível doença, que zombou da perícia e saber de ~~os~~ <sup>nas</sup> ~~rios~~ <sup>em</sup> ~~esculapios~~ <sup>os</sup> ~~especialistas~~.

Em casa, foi uma verdadeira renovação. Quem mais lucrou com o novo estado de coisas, <sup>creio que</sup> fui eu, pelo menos assim me parecia. Sentí que algo se operara em mim, que adquirira <sup>alguma coisa nova,</sup> ~~uma personalidade~~, que não era mais o anônimo, a quem se ameaçava de bater por qualquer motivo. Tinha agora quem respondesse pelos meus atos, tinha um pai para zelar por mim, como as outras crianças; como sentia profundamente quando me diziam, nas pequenas rixas, de rua, com os mais afortunados, que eu não tinha pai para me dar educação!

Com a volta da saúde do velho, inicia-se para a nossa família uma nova fase de vida, cheia de perspectivas risonhas. O pequeno patrimônio, que êle nos legara antes de adoecer, e que desaparecera na voragem do incêndio, foi em breve restabelecido. A nossa existência tornava ao ritmo comum das famílias burguesas, onde as horas decorrem sem grandes inquietações e desassossêgos.

Do comércio fez êle o ramo principal da sua atividade e posso asseverar-vos, com o testemunho da minha palavra, que, apesar da má fama que envolve os negociantes, em geral, era um homem extremamente honrado.

Chegada a mercadoria, mandava crescer, ao <sup>valor</sup> ~~preço~~ de custo, a percentagem habitual mínima, e não consentia que se aumentasse um ceutil ao preço marcado.

Não se fazia muito negócio, porque a freguesia, em regra, não gosta de comprar em casas de um só preço.

Que eu saiba, nenhum dos nossos homens de letras se lembrou ainda de fixar a psicologia do freguês. Seria um estudo muito interessante êsse! É de ver como o comprador se sente orgulhoso, ao dizer às pessoas de suas relações que o preço era tanto, mas que êle fizera uma "fôrçinha" com o negociante, conseguindo tirar a mercadoria ou alfaia por alguns tostões a menos. Pobres incautos!

Decidido a ajudá-lo, tornei-me caixeiro da firma, onde meu pai desempenhava as funções de sócio-gerente. Nessa época, orçava eu pelos treze anos. Não podia esperar um bom ordenado, porque, além da idade juvenil, a minha instrução pouco <sup>maior</sup> ~~alcanç~~ ia das quatro operações e do ditado, com <sup>algumas</sup> ~~não pequenas~~ irreverências ortográficas.

Ainda que possuísse tôdas as qualidades exigíveis para uma função de relêvo, estou certo de que, dada a <sup>de meu pai</sup> sua condição de interessado na firma, os seus melindres de consciência nunca lhe permitiriam que a ela me elevassem.

A minha situação de filho de gerente me trazia não raro grandes aborrecimentos. A falta cometida pelos outros empregados tinha sempre, aos seus olhos, circunstâncias atenuantes, ao passo que a minha era agravada pela condição de ser filho do sócio-gerente <sup>da firma</sup>.

Nunca me rebelei, <sup>entretanto</sup> todavia, contra ~~alguns~~ atos seus que julgava menos justos, porque sabia que, por trás daquela aparência de austeridade, havia um coração bondoso de pai, do melhor dos pais, acrescento eu hoje, que não mais o tenho ao meu lado, a me traçar diretrizes seguras na vida.

Por essa época, sentindo a insuficiência de meus conhecimentos, tomei a deliberação de instruir-me. Adquiri, não sem custo, os livros indispensáveis ao estudo rudimentar das ciências mais necessárias: gramática, aritmética e história.

Noite alta, depois que cessava toda a agitação na casa comercial e que o silêncio pesava sobre a terra, trancava-me por dentro do meu modesto quarto de empregado e me embestia no estudo daquelas disciplinas, cuja aridez eu próprio experimentava, mas que ~~achava~~ <sup>tinha como</sup> imprescindíveis a uma educação básica.

A princípio, tudo correu às mil maravilhas. Depois, com a longa vigília, comecei a emagrecer e meu velho, desconfiado, dispôs-se logo a investigar a causa do meu cotidiano deperhecimento.

Não lhe foi difícil descobri-la, porque os companheiros de trabalho, para lhe agradarem, contaram-lhe que eu passava as noites estudando e que já me haviam encontrado, pela manhã, sentado à mesa, cotovelos apoiados sobre um livro aberto, dormindo. Nisto havia positivamente ~~muito~~ exagêro; entretanto, meu pai deu crédito à maledicência, e todas as noites, antes de deitar, desligava a chave da luz, correspondente à parte da casa, onde se achava situado o meu quarto.

Qualquer medida que tomava, para preservar a minha saúde, era para êle de caráter irrevogável. Não adiantava exorar-lhe abrandamento no seu rigor. Ficava inflexível. Convém lembrar que eu era de compleição franzina, muito magro mesmo, e que mais de <sup>um</sup> médico lhe recomendara suma atenção com a minha saúde.

Não desanimei. Restringi, não obstante, o âmbito dos estudos e limitei-me exclusivamente ao da gramática. Era um devorador de

gramáticas. Colecionava-as com o cuidado de um colecionador de sêlos. Júlio Ribeiro, João Ribeiro, Alfredo Gomes, Hemetério dos Santos, Adélia Enes Bandeira, Carneiro Ribeiro, etc., eram meus familiares, nâs horas de folga; lia-os, almoçava e jantava com êles, e com êles igualmente dormia. Ninguém se aventurava a falar em coisas de linguagem portuguesa <sup>diant de mim</sup> que eu lhe não pespegasse a opinião de um gramático.

Não admira, portanto, que me tenha feito professor, embora obscuro da língua pátria, para cujo <sup>estudo</sup> sempre tive especial predileção.

Mal ouvia os passos do velho sumir-se no corredor, que passava pela porta de meu quarto, tomava da vela, que tivera prèviamente o cuidado de guardar debaixo do colchão, acendia-a e punha-me a decorar as intrincadas regrinhas dos códices gramaticais, ouvido atento para, ao mais leve rumor suspeito, apagar a <sup>vela</sup> ~~chama~~ e meter-me de novo na cama.

Coisas  
de  
falar

Certa vez me chamou o velho de parte e perguntou-me se queria, com efeito, estudar. O sócio falara-o a êste respeito e consentira que me ausentasse do balcão algumas horas, para frequentar as aulas do professor José Pinto de Sousa, que fundara, havia pouco, um curso na localidade, no qual ministrava lições de várias matérias do currículo secundário, inclusive latim. Com o coração <sup>ao certo,</sup> ~~emocionado~~, respondi-lhe que aceitava o oferecimento, com a condição de eu mesmo custear as despesas. Foi êsse colendo mestre, cheio de bondade e de sabedoria, que vive, quasi obscuro, a lecionar, no Ginásio de Santo Antônio de Pádua, as cadeiras de língua pátria e latim, quem me iniciou no estudo da ~~língua~~ <sup>idioma</sup> de Cícero e melhor me orientou no da língua vernácula. Aêlê quero render, nêste momento, o meu preito de gratidão, porque fez de mim aquilo que eu queria ser -modesto professor da língua nacional.

Graças aos seus conselhos, de que a língua não se aprende nas gramáticas, mas nos bons autores, atirei-me à leitura, a princípio dos clássicos, depois dos outros, fazendo dela um hábito que nunca mais deixei e que me tem proporcionado grandes consolos na hora das tribulações.

De par com os livros profanos, vieram ter-me às mãos livros religiosos, práticas, sermões, panegíricos, que exerceram sobre o meu espírito uma profunda impressão. Embora nessas páginas procurasse exclusivamente a boa linguagem, e ninguém ignora que disso podem servir de padrão os Vieiras, os Bernardes, os ~~Sonsa~~ e Mont'Alvernes, o meu coração ia-se pouco a pouco penetrando das verdades cristãs e dos exemplos heroicos da vida dos santos, os quais dentro em breve me haviam de conduzir às portas do Seminário de S. José.

*Senhora!*

Estamos vivendo uma hora de evocações e permiti, ~~senhores~~, que eu descerre o velário de um túmulo, apesar dos anos ainda não fechado aos nossos afetos, e dêle evoque a pessoa de um santo, cujo nome de <sup>v</sup>acordar, no seio da família católica fluminense, uma profunda saudade e ser sempre pronunciado com os joelhos em terra - D. Agostinho Benassi.

Foi êle, <sup>este</sup> ~~aquêle~~ santo Bispo, que não conhecia obstáculos à sua caridade cristã, quem me abriu as portas do seu Seminário e me revelou, na prática de tôdas as virtudes, que a santidade ainda existe <sup>qui</sup> na ~~mundo~~ <sup>terra.</sup>

Lá, entre as augustas paredes do Palácio da Soledade, tão cheias das recordações da minha juventude, longe do bulício do mundo, vivendo só para Deus e para os meus estudos, passei os mais agradáveis dias da minha vida. Lá retemperei os ~~meus~~ nervos, fortalecí o

~~meu~~ coração, robusteci o ~~meu~~ cérebro, para os duros combates que tive de sustentar cá fora.

Seria ingratidão e grande a minha, neste momento de recordações, deixar no olvido os nomes dos venerandos mestres que me decoraram a inteligência de conhecimentos úteis, aqui tão bem representados na figura de Monsenhor Conrado Jacarandá, dos quais alguns já terminaram a sua missão na vinha do Senhor, como o Cônego Olímpio de Castro, outros estão ainda em plena faina, para gáudio dos seus filhos espirituais e realce da religião, como o Arcebispo D. Assís, Pe. Tomás Fontes, Pe. Mateu Rocati, Pe. Campos, Pe. Rocha, Dr. José Felício dos Santos, etc.

Egresso do santuário, porque não me julgava daqueles "pauci electi", a quem o Divino Mestre confere virtudes especiais para o ministério santo, depois de quasi um decênio de reclusão, foi ainda a pessoa de D. Agostinho Benassi, de veneranda memória, quem me estendeu a mão protetora, auxiliando-me a conseguir o primeiro emprêgo. Uma carta sua, endereçada ao diretor do Colégio Sílvio Leite, franqueou-me o ingresso no corpo docente daquele educandário.

Impelido pelo destino, fiz-me <sup>artista</sup> professor. Estou satisfeito. Raramente se encontra uma pessoa que se julgue feliz na sua condição. Eu sou das poucas exceções. Nunca me arrependi de ter abraçado a carreira, onde milito como o último dos soldados.

Se ~~ela~~ encerra aborrecimentos, onde sôbre a terra pode o homem viver alheio a aborrecimentos? A verdade <sup>é</sup> que êstes são compensados pelos momentos mais constantes de alegria e de prazer, *que ele nos proporciona*

O que se passou de então para cá é de nossos dias e não

merece uma referência especial. Apenas quero ressaltar ainda, nêste ambiente de família, em que nos achamos, entre discípulos amigos e colegas afeiçoados, a influência decisiva de duas outras criaturas, que têm sido o meu grande amparo nas horas incertas - minha mãe e minha esposa.

São elas que, nos instantes de desalentos, me axaltam o espírito abatido; são elas que <sup>apertam os seus braços,</sup> ~~constringem as suas despesas,~~ para que não me faltem as obras imprescindíveis; são elas, finalmente, que, com as suas orações fervorosas, violentam às vezes o próprio Deus, conseguindo-me graças extraordinárias, sem as quais vãos e nulos seriam todos os meus esforços.

Ao saber da homenagem que me queríeis prestar, para cujo agradecimento não encontro, no vocabulário tão rico do nosso idioma, palavras suficientemente expressivas, lembrei-me de fazer o retrospecto da minha vida. Quem sabe? Talvez um dia vos encontreis em sérios embaraços, em face de algum visitante curioso, que, ao defrontar o meu retrato, queira conhecer os títulos com que fiz jus à vossa homenagem. Como acabais de ver, não os possuo infelizmente.

Então, <sup>entretanto,</sup> ~~Estou certo,~~ <sup>mas vos me' difia,</sup> que a resposta ~~afiorara logo aos vos-~~ <sup>responderis</sup> ~~ses lábios,~~ inteirados como estais de que fui pelo meu relato, onde a simplicidade da linguagem é bem uma prova da sinceridade com que vos falo, "Este retrato, ~~nao~~ <sup>representa</sup> a consagração de nenhuma qualidade heroica ou virtude extrardinária; ~~mas~~ ao contrário, é pura e singelamente uma lição aos presentes e uma advertência aos pósteros de que também os humildes merecem, pela amizade, um lugar no coração e na memória dos seus contemporâneos".